

# BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

HERNANI d'AGUIAR  
Ten-Cel Art (QEMA)

## 1. PROÊMIO

### a. INTRODUÇÃO

O dia invernoso de 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade, amanhecera um tanto nublado, mas o nevoeiro começava pouco a pouco a levantar e dentro em breve o dia tornar-se-ia claro e límpido.

"O almirante surge no portaló, barbas ao vento, narinas dilatadas, esperanças arfantes.

O primeiro tiro partiu. Afumam-se os ares, despertam-se os lumes, a artilharia fala por vozes de estrondo. Matar ou morrer, senha sinistra; encerrar o dia ileso ou cadáver, se tanto necessário.

Aqui sucumbe GREENHALGH, o guarda-marinha; ali acutilla MARCILIO DIAS, o imperial marinheiro.

As embarcações perseguem-se por entre os obstáculos do rio, coleantes, quase à serpente."

"Ardilosas singrando sôbre bancos  
Ou estreitos canais de verdes ilhas"

como disse um poeta, que tratou de sangue e sentiu a arte pintando a carnificina.

Trovejam baterias, a metralha pulula, o machado zune nos ares, o sabre de abordagem brilha, as manobras sucedem-se.

Joga-se a cartada suprema. Ariete de última hora, a fragata AMAZONAS afunda os navios inimigos, sepulta-lhes a força fumegante nas águas do rio.

Barroso é o vencedor, a vitória é BRASIL.

O grito de "Viva o Imperador! "rola nos ares e celebra os funerais dos vencidos, dignos de melhor causa."

Mas, interrompamos por aqui. Utilizemos aquela "técnica de suspense" tão em uso, há um par de anos atrás, nas películas cinematográficas norte-americanas, e que consiste em iniciar a projeção

pelo *climax*, pela magna cena, para, depois de conseguida a motivação, retroceder e contar todo o enredo.

A perfeita compreensão da efeméride exige que venhamos desde as origens.

RIACHUELO constitui para nós motivo de justo orgulho, mas não leva o sentido de um tripúdio sobre a valorosa Nação Guarani. Não se veja, na comemoração, a prepotência afrontosa do vencedor ante a desdita do vencido.

Nenhum resquício de ódio guardamos contra o País irmão; realizamos, tão-somente, uma comemoração cívica justa e correta.

Já dizia ALEXANDRE HERCULANO:

"A falta de amor às velhas coisas da Pátria é indício certo da morte da Nacionalidade e, por consequência, do estado decadente e da última ruína de qualquer povo."

A história dos países novos, cujos eventos estão praticamente ao alcance visual do espectador, impõe, tiranicamente, a criação de um plano subjetivo onde se movam, numa atmosfera divina, os grandes feitos e os grandes vultos.

## TEATRO DE OPERAÇÕES



FIG. 1



“Os fluidos espirituais que emanam do passado, constituirão sempre a energia imorredoura, pronta a amparar o esforço dos povos, toda vez que se encaminhem para encruzilhadas incertas.”

Num de seus magníficos Mandamentos Cívicos, COELHO NETO prega com ardor patriótico:

“Honra a Pátria no Passado: sobre o túmulo dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação que é Fôrça de Fé.”

Esse deve ser o verdadeiro sentido das comemorações: Honrar o Passado para manter a mística quase religiosa, que se avolume numa Fôrça de Fé, para os tempos vindouros.

## b. ANTECEDENTES

O PARAGUAI, cuja emancipação política se processara de maneira toda particular, sob o domínio discricionário e sem freios impôsto, durante 26 anos, pelo Dr. FRANCIA, se enclausurara dentro de sua debilidade e se mantivera completamente isolado do restante do mundo.

CARLOS LOPES herdou êsse estado político e social e, apesar de mais hábil e tolerante, não se afastou da linha geral da ditadura. Um crítico mordaz, dêle afirmou — “que amava tanto ao PARAGUAI que chegou a ser dono de metade de suas terras.”

Teve, contudo, uma miragem alevantada: fazer crescer o PARAGUAI, abrindo-lhe caminho até o mar, tirando-o de sua mediterraneidade.

Realmente, não devia ser cômoda ao País a situação que um determinismo histórico lhe impusera. Os rios PARAGUAI e PARANÁ, verdadeiro cordão umbelical — constituíam o único caminho aberto para a troca de produtos com o estrangeiro e manutenção de relações com o mundo exterior, caminho êsse sob o domínio das Repúblicas da Argentina e do Uruguai, que se haviam feito condôminas do Estuário Platino.

KJELLÊM, um dos nomes maiores da Geopolítica, defendia vigorosamente que — “Os Estados são seres conscientes e racionais como o homem. Interesses, preconceitos, instintos e, sobretudo, o instinto de conservação, a vontade de crescer, a vontade de viver e a vontade de poder, determinam a vida das nações.”

“A idéia dessa expansão, dessa corrida para o mar, incontestavelmente a via inesgotável e rápida do progresso mundial, era, ninguém de boa mente o negará, uma inspiração patriótica e legítima, pôsto que irrealizável diante dos obstáculos que o PARAGUAI ainda não estava convenientemente preparado para superar.”



CARLOS LOPES entendia muito bem que ainda era muito cedo para pôr em execução o Grande Sonho. "O imperialismo de que o acusam com veemência não era coisa tão horripilante como desejam alguns historiadores."

Ao enunciar estes conceitos, talvez estejamos ferindo ouvidos menos avisados, mas lembramos a grande lição de JULIEN DE LA-GRAVIERE:

"A história não se faz de patriotismo, e sim da verdade."

De mais a mais, a experiência histórica como que tem justificado o imperialismo pelo uso corrente, através de todas as épocas.

Imperialistas foram os povos caldaicos, os fenícios, os espartanos, os cartagineses, os romanos, como imperialistas continuaram sendo os árabes, os turcos, os lusitanos, os espanhóis, os holandeses, ingleses, franceses, italianos, alemães e japoneses, como imperialistas são no momento os russos, os chineses e os norte-americanos.

Imperialista foi quem pôde ser, como já o fôra o próprio BRASIL com a conquista e anexação da PROVÍNCIA CISPLATINA.

CARLOS LOPES desejava engrandecer o PARAGUAI, do mesmo modo que as nações líderes da humanidade o fizeram. Cabia aos interessados, aos que seriam espoliados, — no caso o BRASIL, a ARGENTINA e o URUGUAI — impedir que a grandeza do PARAGUAI se fizesse às suas custas. Com essa visão filosófica das coisas, veio a falecer em 1862, antes de tentar executar seus *desiderata*.

Sucedeu-lhe o filho — FRANCISCO SOLANO LOPES — jovem que enviara à EUROPA, para completar sua educação. Homem de grandes apetites, natureza ardente, exaltada e complexa, onde as palavras romântico, herói e desequilibrado, certamente encontrariam o seu lugar.

Dois "vinhos capitosos" trouxera do Velho Mundo:

— A obsessão doentia da era napoleônica, que captara nos Inválidos, junto à tumba do Grande Corso, e que vira materializada, embora caricatural, nas manobras militares e na corte de NAPOLEÃO III.

Inspirado nessa matéria, quis transformar seu pequeno PARAGUAI num verdadeiro Império Platino, senhor dos destinos da AMÉRICA AUSTRAL.

— Uma serpente da tentação, em figura de mulher — ELISA ALICIA LINCH — que escolhera e apanhara entre as flôres gaudiosas que ornavam os "bulevares" e salões da PARIS imortal.

Dessas essências fortes resultariam a euforia, a embriaguês, o "delírium tremens" e ... a morte.



A ânsia napoleônica levou-o a criar na República um numeroso exército e, por uma mobilização inacreditável — 25% da totalidade da população — a realizar o maior esforço guerreiro que uma Nação até hoje deu à História da Humanidade!

Tinha em mãos o instrumento daquilo que deveria ser a Epopéia Guarani, mas que acabou por transformar-se na Farsa Trágica que desgraçou a nação paraguaia.

E, que lhe daria a conquista daquela mulher casada, talvez não muito difícil? O triste fadário que o apegaria ao poder e o lançaço e balaço finais de CERRO CORA.

Após 3 anos de febril atividade, em que fez vir da EUROPA engenheiros e técnicos, em que instalou e aperfeiçoou fábricas e fundições, em que adquiriu grande cópia de armamentos, em que melhorou a defesa de HUMAITA, transformando-a na SEBASTOPOL sul-americana, em que fortificou outros acidentes capitais no curso do rio Paraguai, em que elevou a marinha e fez novas encomendas no estrangeiro, — LOPES sentiu-se poderoso, o suficiente, para lançar a luva ao BRASIL.

Interessante é observar que toda essa preparação foi feita abertamente, com vertiginosa celeridade e proclamada aos quatro ventos, pelo "Semanário", órgão oficial da República, que, em tom belicoso, fazia grande alarde daqueles preparativos.

Um estudo da situação, pelos arcanos da política continental, apontou-lhe uma oportunidade.

Na ARGENTINA, vivia-se um clima de incertezas e preocupações. Em CORRIENTES dominava o Gen URQUIZA. Em ENTRE-RIOS não era melhor a situação do Gen MITRE, de quem URQUIZA era inimigo rancoroso.

No ESTADO ORIENTAL, a luta sangrenta entre "blancos" e "colorados" era de molde a facilitar-lhe a ação sobretudo se a êle viessem a unir-se, como se esperava, os "blancos" de AGUIRRE.

Um pretexto foi fácil conseguir: querelas antigas, o BRASIL as tinha com o PARAGUAI; por diversas vezes as relações haviam estado tensas; a questão dos limites ainda não fôra resolvida e a da livre navegação do rio tivera uma solução que deixara restrições.

A intervenção brasileira no URUGUAI constituiu-se na centelha que deflagrou a contenda. Um "ultimatum" em termos inaceitáveis e o aprisionamento do paquete brasileiro MARQUÊS DE OLINDA, a 12 de dezembro de 1864, e onde viajava o Cel CARNEIRO DE CAMPOS, nôvo Presidente da Província de MATO GROSSO, consubstanciaram a agressão moral e física ao BRASIL.

Era a guerra — "ultima ratio regum" — guerra que não provocáramos.



O historiógrafo guarani CECÍLIO BAEZ, em seu "Resumen de la Historia del Paraguay hasta 1880" testemunha a nosso favor:

"Así comenzó la guerra com el BRASIL, sin que el Império hubiese practicado acto alguno de hostilidad contra el PARAGUAY".

Logo em seguida, LOPES fêz envolver a ARGENTINA e o URUGUAI, no turbilhão.

• • •

Para perfeito entendimento do que vai ser relatado, perlustremos, de afogadilho, o T. O. constituído pelo DARDANELOS PLATINO, na feliz e interessante expressão com que LIMA FIGUEIREDO batizou o "dédalo" formado pelos três grandes rios e seus afluentes: — (Fig 1)

- Devemos iniciar dizendo que se encontrava afastado dos centros vitais do BRASIL (litoral e capital).
- Os rios constituíam grandes obstáculos ou vias de acesso, conforme a direção em que fôsssem entestados.
- MATO GROSSO era uma Província desconhecida e despovoada, auto-suficiente apenas em gado.
- ENTRE-RIOS E CORRIENTES, o primeiro abaixo e com comunicações difficilimas na estação pluviosa; o segundo montanhoso ao norte e com o grande obstáculo da Lagoa IBERÁ.
- O GRÃO-CHACO, uma extensíssima planície desabitada e mergulhada sob vasta lençol de água.
- O PARAGUAI, ignoto, com inúmeras barreiras naturais: — lagoas, pântanos. Cortado de N a S por uma cadeia de montanhas que vai terminar no cotovêlo do PARANÁ — (TRÊS BÓCAS).

• • •

Em meados de dezembro de 1864, duas colunas guaranis invadiram MATO GROSSO: uma sob o comando de BARRIOS, saída da Capital, pelo rio, em demanda de CORUMBÁ; a outra, ao mando de RESQUIM, oriunda de CONCEPCIÓN, por terra, objetivando a VILA DE MIRANDA; num 2º lance, convergiram sôbre CUIABÁ.

A 13 de abril de 1865, uma esquadilha paraguaia, sob o comando de MEZA, ataca CORRIENTES, que no dia seguinte é ocupada por ROBLES. Daí, reforçados, com efetivos crescentes, deslocam-se os paraguaios para o sul, paralelamente ao RIO PARANÁ. Em princípio de maio, ROBLES tinha em CORRIENTES sua Base de Operações; seu grosso estava acampado no RIACHUELO e seus exploradores iam até CUEVAS.



A 7 de maio, de ENCARNACIÓN partiu um poderoso exército às ordens de ESTIGARRÍBIA, que deveria invadir o RIO GRANDE DO SUL e ligar-se a ROBLES. Já a 10 de junho, essa força atravessa o RIO URUGUAI, em S. Borja, após deixar na margem direita uma coluna com DUARTE.

A Esquadra Imperial, sob o comando do estrênuo vice-almirante Visconde de TAMANDARÉ, estivera empenhada no bloqueio das portas da República Oriental e desempenhara papel preponderante na tomada de PAISANDU. Face à agressão paraguaia, levantara o cerco de MONTEVIDÉU, a 20 de fevereiro de 1865.

Em abril, o Ministro da Marinha, Conselheiro SILVEIRA LÓBO, determinou a TAMANDARÉ que, sem perda de tempo, subisse o PARANÁ e bloqueasse a República do PARAGUAI, nas TRÊS BÓCAS.

A evolução dos acontecimentos (tomada de CORRIENTES) determinou que o bloqueio fôsse estabelecido num ponto mais ao sul das TRÊS BÓCAS.

No dia 20 de maio, o Contra-Almirante FRANCISCO MANOEL BARROSO assumiu o comando-em-chefe das forças de bloqueio e, a 25, dá-se o raide fugaz de PAUNERO, sobre CORRIENTES, com a proteção dos canhões da Esquadra Brasileira.

Pouco acima das TRÊS BÓCAS permanecia a Esquadra Paraguaia.

A fragata AMAZONAS, que desde 16 de maio estava encalhada abaixo de BELA VISTA, aproveitando a enchente, navega cautelosamente rio acima e, no dia 30, incorpora-se à Esquadra, junto ao GRÃO CHACO, cerca de 5 milhas abaixo de CORRIENTES.

As vésperas da batalha, boa seria a situação das forças invasoras paraguaias, não fôra a presença incômoda de nossa esquadra.

Da posição em que se encontrava, a força de BARROSO não só ameaçava CORRIENTES, em poder do inimigo, como bloqueava todos os portos da República e materializava ameaça perenal aos invasores que pretendessem marchar sobre ENTRE-RIOS.

Por ser um "espinho tenaz", encravado no flanco dos exércitos que lançara, constituía-se nossa esquadra no "DELENDIA CARTAGO" de Lopes.

## 2. A BATALHA

### a. LOCAL

A Batalha iria travar-se no local conhecido como PASSO DO RIACHUELO. O rio apresenta-se, aí, lodoso, salpicado de pequenas ilhas e bancos e cheio de camalotes e vegetações aquáticas. Oferecia no canal a profundidade média de 18 pés.



O PADRE GALANTI assim descreve o "palco" da luta: "A umas 3 léguas da cidade de CORRIENTES deságua, na margem esquerda do PARANÁ, um arroio que procede da Lagoa MALOYA, e que não tem denominação própria. Chamam-no RIACHUELO, que é diminutivo de riacho. O rio PARANÁ, nesse ponto, tem pouco mais ou menos légua e meia de largura, mas a parte navegável se reduz a uns 350 metros apenas, estando, além disto, atravancado por numerosas ilhas, das quais duas são grandes e cobertas de mato. A maior de todas é a que fica bem fronteira às duas bocas do RIACHUELO, é a de PALOMERA. É entre esta e a margem esquerda do PARANÁ, fortificada pelos paraguaios, que se vai dar a batalha. Encobre a foz do RIACHUELO uma ilha que, do PARANÁ, apenas deixa avistar o pequeno regato. À margem direita do RIACHUELO está, sobre uma eminência, a vivenda de SANTIAGO DERQUI, em cujas proximidades os paraguaios estabeleceram o seu arraial, quando PAUNERO surpreendeu a cidade de CORRIENTES. Foi neste lugar que BRUGUEZ levantou suas baterias de 22 canhões, e fez tudo com tanto segredo que os nossos não tiveram nenhuma notícia delas até o momento da peleja. Sobre a margem esquerda da foz do RIACHUELO, descortina-se a beira baixa e arenosa do PARANÁ, revestida de escassa vegetação, e que se chama RINCÓN DE LAGRANA. Estiveram nesse sítio 300 fuzileiros, que tomaram parte do combate."

#### b. MEIOS EM PRESENÇA. PLANO DE LOPES

##### — Brasileiros:

Nossa Esquadra estava organizada em duas Divisões de navios de guerra:

AMAZONAS (Cap)	JEQUITINHONHA
IGUATEMI	BEBERIBE
PARNAÍBA	BELMONTE
ARAGUARI	IPIRANGA (9 navios)
MEARIM	

Dêles, a capitânia era fragata; corvetas, a JEQUITINHONHA e a BEBERIBE; canhoneiras, as demais.

Disponha ao todo de 59 canhões e transportava 2.300 homens, dos quais cerca de 1.200 eram do Exército (9ª Brigada, sob as ordens do Cel João Guilherme Bruce), que se achavam a bordo para qualquer operação de desembarque.



— Paraguaiois:

A Esquadra, reunida em HUMAITÁ e entregue ao comando do velho Vice-Almirante Pedro Ignácio Meza, constava de:

TAQUARY (Cap)  
PARAGUARY  
IGUREI  
IPORA  
MARQUÊS DE OLINDA  
SALTO ORIENTAL  
JEJUI  
PIRABERE  
IBERÁ (9 navios)

Dêles, os dois primeiros eram navios de guerra construídos na INGLATERRA, e os demais, vapôres armados em guerra. Esses navios levavam 41 bôcas-de-fogo. Para compensar essa inferioridade de sua artilharia, em número e poder, LOPES imaginou e fêz construir "chatas," espécie de baterias flutuantes para serem rebocadas, com as seguintes características:

comprimento  $\equiv$  16 m 50  
bôca  $\equiv$  4 m 60  
pontal  $\equiv$  8 cm

De fundo chato, construção sólida, bem fechadas por grossas curvas de ferro; o convés, quase ao lume d'água, levava uma quar-nição de 30 praças. Em quatro delas, o canhão montado era de calibre 80 (libras de pêso do projétil) e, em dois, de 68.

As seis chatas foram incorporadas à Esquadra.

A guarnição orçava por uns 3.000 homens, selecionados dentre as numerosas legiões com que a República contava. Aí se alinhava o 6º Btl de Infantaria Naval — considerado o mais valente de seus batalhões — que já se tornara tristemente célebre, pelas carnagens e rázias realizadas em MATO GROSSO. Os maquinistas e demais especialistas eram quase totalmente súditos ingleses.

Em local adrede preparado, na barranca do rio, dispusera 22 canhões de BRUGUEZ.

Aí, e disseminados pelas ilhas, centenas de fuzileiros; tudo sob absoluta reserva.



## — O PLANO

O Plano concertado entre LOPES e MEZA era muito simples:

— Surpreender e abordar nossa Esquadra, ao alvorecer do dia 11 de junho, e apresar os navios. Caso isso fôsse possível, desfilar diante de nossa Esquadra, descendo o rio a todo vapor, e atraí-la para a armadilha montada na área tática escolhida.

Nesse local, submeter nossa Esquadra a 3 “ordens de fogo”:

- a 1ª ao lume d'água, partindo das chatas fundeadas sob a proteção das fortificações;
- a 2ª, dos navios de MEZA;
- a 3ª, das baterias de BRUGUEZ na barranca, e dos fuzileiros.

Após maltratar os navios brasileiros, que eram de madeira, realizar a abordagem, navio por navio, utilizando-se da maior capacidade manobreira (menor calado) e da superioridade em gente de fanático ardor.

Em águas do ATLÂNTICO, aquela esquadra improvisada seria pulverizada em poucas horas, pela nossa; naquelas circunstâncias tão desfavoráveis para nós, o plano tinha reais possibilidades de êxito.

## c. O EMBATE

Conta-nos THOMPSON — um dos maiores detratores do BRASIL — em sua “THE WAR IN PARAGUAI”, que o entusiasmo provocado por LOPES em HUMAITÁ fôra muito grande, prometendo todos voltar com a Esquadra Brasileira. LOPES falou-lhes em trazerem alguns prisioneiros e os soldados responderam:

— Para que queremos prisioneiros? Mataremos todos!

Durante a noite de 10 para 11 de junho, a Esquadra Guarani largou de HUMAITÁ; navegava devagar, para chegar ao romper do dia defronte da Brasileira, quando, próximo às TRES BOCAS o vapor IBERÁ sofreu, repentinamente, um desarranjo na máquina, que não pôde ser reparado, obrigando-o a fundear.

Era um presságio ominoso!

1ª Fase — A pane fez atrasar a Esquadra, que somente às 08,30 horas foi apercebida pela MEARIM, que estava de prontidão avançada. (Fig. 2).

O dia, que amanhecera alívio e nublado, já a essa altura estava claro e límpido.



# 1a. Fase

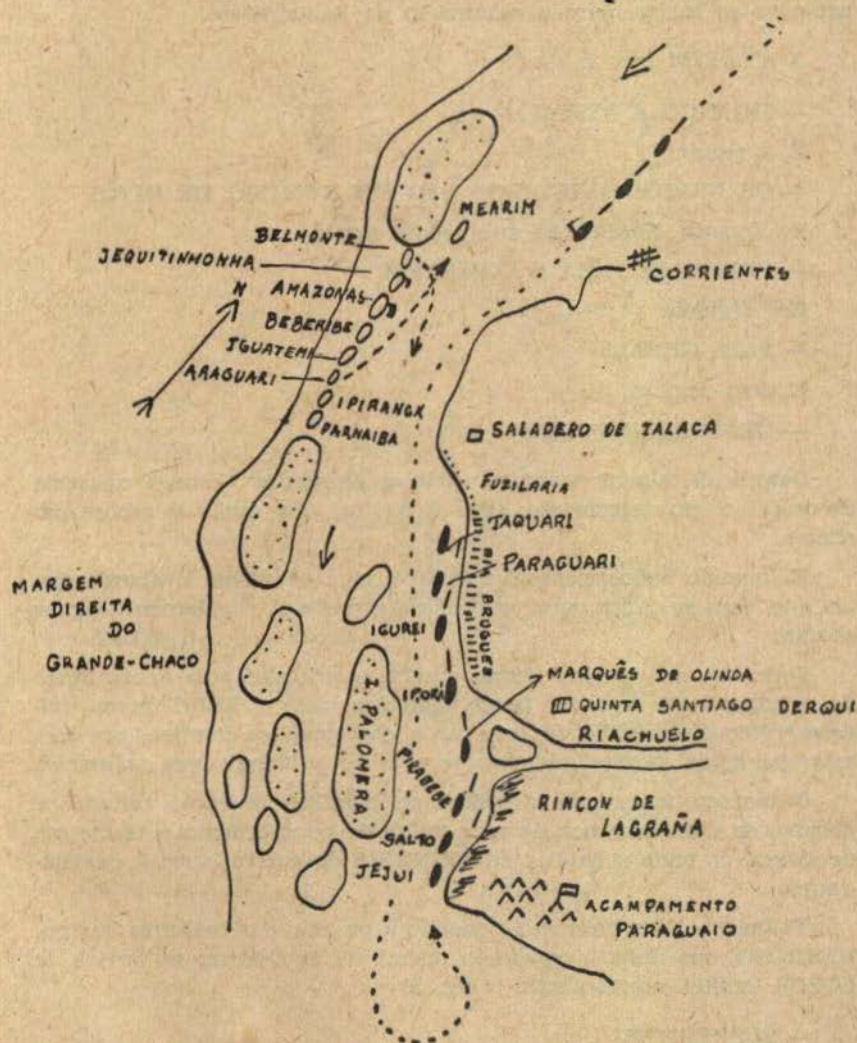


FIG. 2



A Esquadra Imperial, em formatura de escarpa, ordem natural, em linha de fila, estacionava junto à margem direita e demorava umas 5 milhas, por sudoeste, de CORRIENTES.

A maruja vestia o uniforme azul, flanela.

As 08,00 horas, com as formalidades de estilo, fôra hasteada a Bandeira Nacional. Nas capitânicas das Divisões, começavam a ser armadas as toldas, para a celebração da Santa Missa.

A MEARIM içou o sinal:

— INIMIGO A VISTA!

E, a seguir:

— OS NAVIOS AVISTADOS SÃO EM NÚMERO DE OITO!

Da fragata AMAZONAS subiu o 1º sinal:

— PREPARAR PARA O COMBATE!

Em seguida:

— SAFA GERAL!

E, sem demora:

— DESPERTAR FOGOS!

Dentro de alguns minutos, tôda a Esquadra Guarani aparecia descendo o rio velozmente, com 8 navios, dos quais 6 rebocavam chatas.

E, quando todos pensavam que o inimigo vinha à abordagem, eis que, com surpresa geral, continuou a deslizar, rapidamente, águas abaixo.

Poderiam ser umas 9 horas; partiu o primeiro tiro e um duelo de artilharia foi travado, tendo sido acertado o JEJUI numa caldeira. Não foi possível interceptar a passagem ao inimigo, por não estarem, ainda, nossos navios com pressão suficiente nas máquinas.

O inimigo, invertendo a ordem de batalha, foi então refugiar-se debaixo de uma barranca de uma milha de comprimento e 14 metros de altura, de onde a bateria de BRUGUEZ dominava o rio à queima-roupa.

2ª Fase — Uma hora após, quando a pressão das caldeiras bastou, BARROSO, que tinha a convicção inabalável de destruir os navios de LOPES, emitiu novos sinais: (Fig. 3)

— SUSPENDER!

— BATER O INIMIGO O MAIS PRÓXIMO POSSÍVEL!

Logo a BELMONTE, heróicamente comandada pelo 1º Ten ABREU, obedece e, testa da coluna, aproa rio abaixo, ao encontro do inimigo.



## 2a. Fase

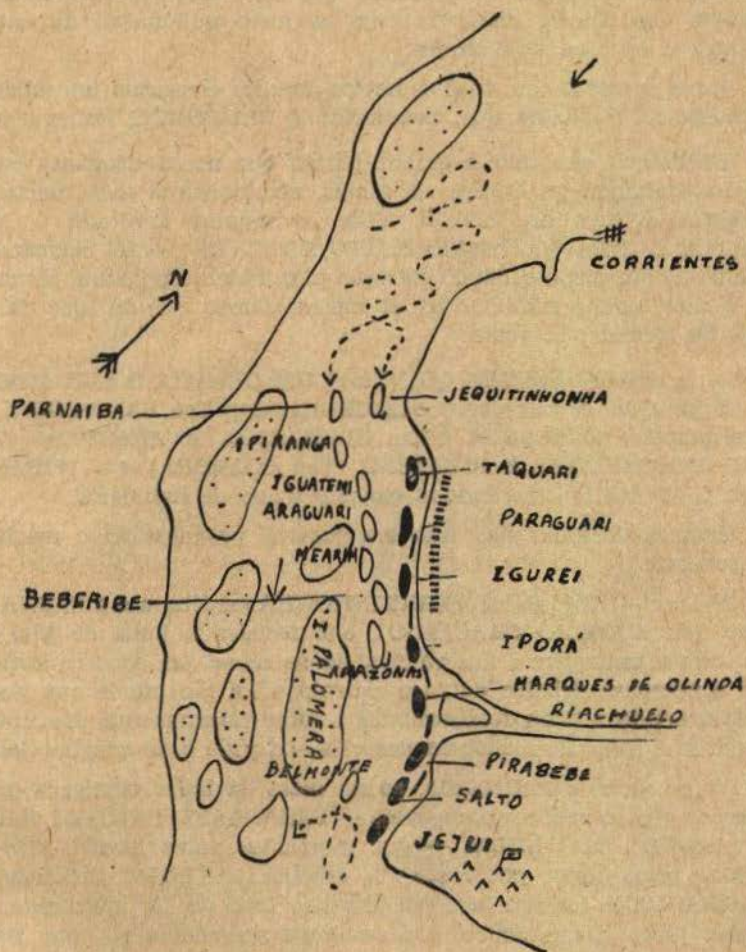


FIG. 3



Foi a primeira a investir o côncavo do canal do RIACHUELO, recebendo todo o fogo concentrado do inimigo, mas completou o movimento águas abaixo, para tornar, águas acima. Ficou logo com 22 rombos a bombordo e 15 a boreste e teve na ocasião 9 mortos e 23 feridos.

A AMAZONAS saíra da formatura e subira um pouco, para colocar-se em posição de impedir a fuga do inimigo, águas acima. Sua manobra não foi compreendida pela Esquadra; a JEQUITINHONHA, ao enfrentar a bateria do barranco, que na ocasião se desmascarara, encalhou num baixo, distante cerca de meio quilômetro da bateria inimiga e sob sua ação direta.

Esses sucessos com os dois navios maiores causaram um início de confusão na Esquadra que, excetuando a BELMONTE, hesita e pára.

BARROSO, sentindo o grande perigo que nossa Esquadra corria e não confiando no Código de Sinais, abandonou a idéia inicial de bloquear a fuga do inimigo, além de manter arvorado o sinal "BATER O INIMIGO O MAIS PERTO POSSÍVEL" — foi chamando à fala navio por navio e, dando exemplo para toda a Esquadra, fez investir o canal com a AMAZONAS, ao mesmo tempo que no tope da mezena fez tremular ao vento:

— O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER!

Seguem-lhe as pegadas a BEBERIBE (Cap Ten SANTANA) e, sucessivamente, a MEARIM (Ten ELIZIÁRIO), a ARAGUARI (Ten VON HOONHOLTZ), a IGUATEMI (Ten COIMBRA) e a IPIRANGA (Ten CARVALHO), trocando-se violento duelo de Artilharia.

Passava do meio dia. Não era possível prognosticar o resultado do combate.

3ª Fase — (Fig. 4) A JEQUITINHONHA encalhara e a PARNAÍBA (Cap Ten AURÉLIO GARCINDO), que fechava a linha de fila, não realizara a passagem; é que voltara, águas acima, em socorro daquela. Fez a manobra debaixo de fogo nutrido e foi tão infeliz que teve o leme avariado e ficou desgovernada, a lutar valentemente, procurando dirigir-se à força de manobras das velas da proa e do traquete latino.

Viu-se, pois, a PARNAÍBA, só no meio da linha inimiga e investida por quatro vapores paraguaios — PARAGUARI, TAQUARI, SALTO e MARQUÊS DE OLINDA — que momentos antes haviam sido repelidos pelos fogos poderosos da JEQUITINHONHA. Cercaram-na. A PARAGUARI foi repelida, por um tiro feliz de 70; inutilizada, encalhou junto a um banco. Os restantes abordaram-na: por BB a TAQUARI, por BE o SALTO e pela popa o MARQUÊS DE OLINDA. Meio milhar de paraguaios, inclusive índios de aspecto feroz, despejam-se sobre seu convés.

Trava-se luta titânica, corpo a corpo; a guarnição opõe tenaz e heróica resistência. Falam as machadinhas, espadas, revólveres,



# 3a Fase

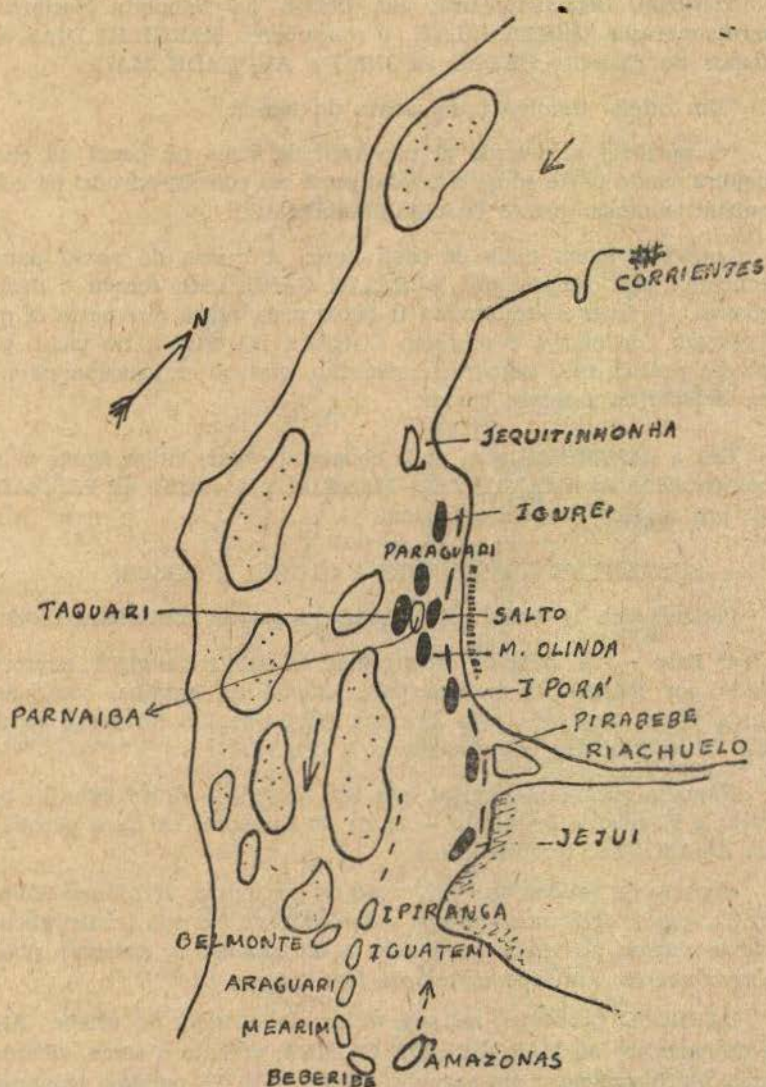


FIG. 4



sabres e chuços. Batem-se em defesa do BRASIL, ombro a ombro, soldados e marinheiros; somente "o uniforme distinguia as corporações", identificadas e irmanadas na coragem e patriotismo. Irmanavam-se, também, seus sangues generosos, ao se encontrarem no piso do navio.

O convés, uma verdadeira "arena de gladiadores".

Tombam, denodadamente, em defesa da Bandeira Nacional, o guarda-marinha GREENHALGH, o marinheiro MARCÍLIO DIAS e os oficiais do Exército PEDRO AFONSO e ANDRADE MAIA.

"Um oficial inimigo toma conta do leme".

"O pavilhão auri-verde já não tremula mais no penol da caranguejeira, caído parte sobre a borda, parte no convés, envolto no corpo franzino e ainda quente de GREENHALGH."

Lutava-se havia mais de uma hora. A queda do navio parecia iminente. Seu comandante, AURELIO GARCINDO, tomou a decisão extrema: — fazer a canhoneira ir pelos ares, antes que perdê-la para o inimigo. Já estava o escrivão CORRÊA DA SILVA no paiol, para pôr em prática essa homérica resolução, quando entusiasmados vivas dos brasileiros a fazem sustar.

Era a AMAZONAS que, após conseguir virar, vinha águas acima, acompanhado da BELMONTE e MEARIM, em auxílio da PARNAÍBA. Em seu mastro drapejava o sinal:

— SUSTENTAR O FOGO QUE A GLÓRIA É NOSSA!

Passava das 14 horas e, até então, a pugna continuava indecisa.

4ª Fase — "A idéia de escangalhar os navios inimigos, expressão usada por BARROSO na sua parte oficial da batalha, surge-lhe à mente clara, inspirada pela bravura nata que lhe ornava o caráter puro de marinheiro experimentado." (Fig. 5)

Naquele momento terrível, era sem dúvida a única solução para salvar a Esquadra Brasileira — fazer do talhamar de dura peroba de sua AMAZONAS, terrível ariete.

Côncio da solidez da construção de seu navio, arrojou-se sobre o JEJUI, que se refizera da avaria e que passava em sua frente, abrindo grande rombo no vapor paraguaio e obrigando-o a encalhar poucos metros abaixo, com apenas a proa fora d'água.

BARROSO persevera na sua tática do choque, do ariete. Atira-se de encontro ao MARQUÊS DE OLINDA, adiante e atrás, adiante e atrás, inutilizando-o e, em seguida, sobre o SALTO, pondo-o igualmente fora de ação. MEZA perdeu a confiança na vitória e fez fugir a TAQUARI.







A BELMONTE realizava prodígios, sob a intrepidez de ABREU, — como CALLINGWOOD, o amigo inseparável de NELSON, em TRAFALGAR; ABREU em RIACHUELO foi o êmulo de BARROSO; quando varado seu navio, por uma bala de 80 de uma das chatas inimigas, e a água invadia já a coberta, sem que as bombas pudessem dar vasão, ABREU fá-lo encalhar numa coroa próxima.

Acompanha-a a MEARIM que, após vê-la em segurança, volta impetuosamente ao combate.

O combate generaliza-se: a IGUATEMI, a IPIRANGA, a BEBERIBE e a ARAGUARI engajam-se com os navios e baterias paraguaias.

Na IGUATEMI, o Cmt COIMBRA, ferido, é recolhido à câmara; seu sucessor, 1º Ten PIMENTEL, minutos após subir ao passadiço, teve a cabeça arrancada por uma bala de canhão. Assume o 2º Ten GOMES, não havendo solução de continuidade na galhardia.

Por fim, os quatro vapores inimigos restantes — TAQUARI, IPORA, IGUREI e PIRABEBE — duramente castigados e arreando-se da proa indômita da AMAZONAS, fogem, rio acima, em demanda de HUMAITÁ, perseguidos até o cair da noite pelas ARAGUARI e BEBERIBE.

MEZA, o velho de 70 anos, o heróico comandante guarani, cai gravemente ferido e somente a morte, dias após, o livraria do fuzilamento.

Eram quatro horas da tarde. O combate terminara. "BARROSO é vencedor, a vitória é BRASIL! O grito de "VIVA O IMPERADOR!" rola nos ares e celebra os funerais dos vencidos, dignos de melhor causa."

Cêrca de oito horas durara a porfia.

A bateria do barranco continuaria, atirar até o anoitecer, particularmente sobre a JEQUITINHONHA encalhada. O navio de tal forma ficou maltratado, que teve de ser incendiado, no dia seguinte.

Todos os navios brasileiros tiveram avarias e ficaram carecentes de consertos. Tivemos 254 homens fora de combate.

O inimigo perdera, além de quatro navios, as seis chatas (uma afundada pela MEARIM, outra pela AMAZONAS e as quatro restantes abandonadas) e mais de 1.500 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

Seguiu-se a acalmia. A luta fôra formidanda; no rio, estilhaços de navios guaranis boiavam ao sabor da correnteza; soldados a nado, cansados e feridos, procuravam as margens, fugindo da morte; navios encalhados a meia proa, outros, metidos a pique, apenas atestavam sua existência pelo aparecimento, fora d'água, dos topes dos mastaréis.



### 3. EPILOGO

#### a. CONCLUSÕES

"O feito imortal do RIACHUELO é um dos maiores de nossa história, com poderosos e duradouros reflexos no BRASIL e no exterior, especialmente na AMÉRICA MERIDIONAL. Em RIACHUELO houve apenas brasileiros combatendo o inimigo. Nossos aliados não puderam estar presentes por não possuírem força naval. O BRASIL, sozinho, salvou então a causa comum."

Um aspecto importantíssimo a ressaltar é que, em RIACHUELO, lutaram — irmã e valorosamente — marinheiros e soldados. Unidos indissolúvelmente em RIACHUELO, queira DEUS — o supremo fautor de todas as coisas — unidos indissolúvelmente, para todo o sempre; unidos também, com a recente e não menos valorosa AERONÁUTICA, para maior felicidade e grandeza do BRASIL. RIACHUELO é um exemplo sempiterno, a apontar a necessidade ingente de COESÃO NAS FORÇAS ARMADAS.

RIACHUELO foi a batalha-chave e o portal de glória, que inauguraria a série de vitórias rio acima, até o coração do país inimigo. RIACHUELO teve uma significação transcendentalmente decisiva para o restante da campanha, pelas marcantes vantagens que proporcionou:

- Tornou o aspecto estratégico da guerra completamente favorável à TRÍPLICE ALIANÇA. Na era da predominância do Poder Naval, num Teatro de Operações tão dependente das vias potâmicas, proporcionou o domínio absoluto dessas vias e, conseqüentemente, da via marítima; deu liberdade de ação aos nossos Chefes e subordinou o condutor da guerra, do lado inimigo, às decisões dos Aliados.
- Impediu a junção dos exércitos de ROBLES, ESTIGARRÍBIA e DUARTE.
- Não permitiu a insurreição esperada em ENTRE-RIOS e CORRIENTES, nem a participação dos "blancos" do URUGUAI.
- Deu tempo aos aliados, para a organização de seus exércitos.
- Obtida no começo da guerra, a vitória de BARROSO no RIACHUELO constituiu-se, com o TUIUTI de OSÓRIO e a DEZEMBRADEIRA de CAXIAS — na Decisão da Campanha.

Se o PARAGUAI aí houvesse ganho, outro, talvez — quem o poderá dizer? — seria o desenlace da guerra. Certo é que LOPES estaria, de pronto, em condições de dominar BUENOS AIRES e MONTEVIDÉU e, conseqüentemente, formar poderosos partidos em seu favor. Poderia, ainda, receber os encorajados encomendados na INGlaterra e ficar em condições de manter a Supremacia Naval.



"O combate fluvial do RIACHUELO não tem paralelo nos anais da História Naval. Este é único na espécie, é só na ação, é isolado nas circunstâncias especiais, porque não foi um simples encontro entre navios, manobrando sob a vontade do homem, em que pudessem escolher posições vantajosas, formaturas táticas racionais. Em RIACHUELO predominou a iniciativa de cada comandante, com a intensidade maior ou menor correspondente à bravura de cada um, sobretudo, a do comandante-em-chefe, sem cogitações de conjunto, sem esforço combinado em busca de um mesmo objetivo. Em RIECHUELO não houve tática, na lata expressão da palavra; mas houve decisão, bravura, vontade de vencer e, principalmente, houve Homens, no significado másculo da espécie.

E isso bastou, como em LISSA, como em TRAFALGAR, em TSUSHIMA, para coroar com a palma da vitória a ação naval.

RIACHUELO foi um encontro anormal, cujas contingências não se repetiram mais: um combate entre três baterias e uma esquadra, cada uma daquelas mais diferentes sob o ponto de vista tático, isto é, a do barranco com 22 canhões de campanha, a das chatas com canhões de 80 a 68, e a dos navios.

Mas, o que impressionou sobremodo o mundo naval, e que até em alguns detratores de BARROSO constituiu motivo para irônicas palavras, assacadas miseravelmente contra o herói de RIACHUELO, foi o fato do emprêgo da prôa à guisa de aríete.

Acharam que BARROSO não teve mérito imitando servilmente a MERRIMAC, na monumental campanha da Secessão Americana. Entretanto, o que se sabe de BARROSO, é que ele não podia conhecer os feitos extraordinários da guerra civil americana.

Mas, mesmo que os conhecesse, que importa? Porventura não é incontestável que NAPOLEAO BONAPARTE afirmava que: "no campo de batalha a mais feliz inspiração não é senão uma reminiscência?"

Como, pois, menosprezar o ato de BARROSO, por ter tido a feliz inspiração de imitar a MERRIMAC em HAMPTON-ROADS?

Mas, a falta de senso dos detratores é sempre comum. Basta lembrar a figura imortal de HORACIO NELSON, que também imitou SUFFREN, o velho almirante francês, ardente e impetuoso como BARROSO. A tática com a qual NELSON elevou-se às culminâncias da glória, depois de baquear como um leão na tolda da sua VICTORY, tem perfeita semelhança, é filha legítima da empregada pelo glorioso herói de TRINQUEMALE."

Mas, quem foi este homem, de quem tanto já falamos? Quem foi BARROSO?



**b. BARROSO**

FRANCISCO MANOEL BARROSO DA SILVA, o futuro BARÃO DO AMAZONAS, viera ao mundo em PORTUGAL, nessa terra pequenina, bucólica, bela e cheia de bizzarria, a quem "NETUNO e MARTE haviam obedecido." Nesse querido país ao qual DEUS dera a missão de descobrir e "enformar a Nação e a Civilização Brasileira."

Trazia, pois, no sangue todo o heroísmo da raça virente que erguera uma epopéia magnífica, e êsse espírito voltado para as coisas do mar, que o Infante D. HENRIQUE instituiu com a fundação da ESCOLA DE SAGRES.

Em suas "Efemérides", o BARÃO DO RIO BRANCO assim se expressa:

"Nasceu em LISBOA, a 29 de setembro de 1804, mas veio muito jovem para o BRASIL; fez em nossa terra a sua educação e foi um bom e grande brasileiro. Saído da antiga Academia de Marinha do Rio de Janeiro, distinguiu-se nas Campanhas Navais do RIO DA PRATA (1826 a 1828), achando-se, então, em 20 combates, e assinalou-se ainda muito na Campanha do PARÁ, em 1836. Já oficial general da Armada, fez a Campanha do URUGUAI e RIO DA PRATA, em 1864 e 1865, e as do PARANÁ e PARAGUAI, em 1865 e 1866. Nestas últimas, comandou a Esquadra Brasileira no Combate de CORRIENTES, na Batalha Naval do RIACHUELO e no forçamento das passagens de MERCEDES e CUEVAS, tomando depois parte nos combates de PASSO DA PÁTRIA, CURUZU e CURUPAITI. Faleceu em 8 de agosto de 1882, em MONTEVIDÉU."

Durante muito tempo, seus preciosos despojos repousaram em terra estranha, até que, já na República, foram trazidos a bordo do Cruzador BARROSO e recolhidos à Igreja da Irmandade da Santa Cruz dos Militares, de onde, por fim, foram solenemente trasladados — em 11 de junho de 1909, para a cripta do monumento que lhe foi erigido na Praia do RUSSEL.

Referindo-se à estátua, assim falou na ocasião o Dr. ESMERALDINO BANDEIRA, Ministro da Justiça e um dos mais eminentes jurisconsultos de sua época:

"Dominando o mar, BARROSO fita tranqüilo uma glória para sempre conquistada. Na celagem do incomparável firmamento que se arqueia sobre a formosa GUANABARA, o dilúculo e o crepúsculo saudarão com seus primeiros ósculos a fronte dominadora de BARROSO, na imortalidade da estátua consagradora."



### c. EXALTAÇÃO

Este trabalho, carecendo da necessária autoridade técnica, vale muito pouco como estudo, porém o seu real significado está em mostrar de público, através desta homenagem, o respeito e a admiração do Exército de CAXIAS e OSÓRIO pela Marinha de TAMANDARÉ e BARROSO.

Marinha Brasileira. Escola de civismo. De trabalho. De dignidade. De otimismo. De coragem. De fé.

Marinha que nunca faltou à Pátria, quando a Pátria dela precisou.

Marinha cujos feitos se inscreveram em nossa história — “ad perpetuam rei memoriam.”

Marinha que esteve presente na Independência; que participou do grande trabalho de unificação deste País-Continente; que durante o Império escreveu, na esteira fugaz das quilhas de seus barcos, as mais brilhantes páginas de bravura e abnegação.

Marinha que ajudou a fazer a República; que fez a 1ª Grande Guerra; que protegeu comboios no Atlântico Sul; que manteve no mar a afirmação ativa de soberania brasileira e o seu propósito irreduzível de combater a opressão e a violência.

Marinha que foi um dos esteios da Revolução Redentora de 31 de março.

Marinha que hoje se dedica ao preparo de seus Quadros com amor, dedicação e entusiasmo.

Marinha sob cujos bordados, botões dourados ou golas singelas abrigam-se, como ontem, as virtudes potenciais dos BARROSO, dos GREENHALGH e dos MARCÍLIO DIAS.

Pelo milagre de nossa evocação cívica, sentimos a presença de todos esses nomes tutelares. “Em espírito estão eles conosco, nos assistem e nos guiam; são o exemplo que não se esquece, a tradição que não morre, a honra que se conserva.”

— Como diria o vate imortal — “se lá no assento etéreo onde subiram, memória desta vida se consente” — TAMANDARÉ, BARROSO, GREENHALGH e MARCÍLIO DIAS, acompanhados de CAXIAS, OSÓRIO, SANTOS DUMONT e de milhares de outros — “quando o inimigo estiver à vista” — estarão atentos, por certo, para lembrar-nos que o BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER e para incentivar-nos a SUSTENTAR O FOGO PARA QUE A GLÓRIA SEJA NOSSA.